

Renato Suttana

Bicicicetas



Bicicicetas

BICICLETA



título : **BICICLETAS**
Poemas de **RENATO SUTTANA**
grafismo e imagem de **M. ALMEIDA E SOUSA**
edição "**BICICLETA**"
MANDRÁGORA C. Cultura e Pesquisa de Arte

mandragorarte@aim.com

Cascais - Portugal
Abril de 2010



Menu

dos ciclistas ...	4
pedalando ...	5
bicicletas I ...	pag 6
bicicletas II	pag 7
bicicletas III ...	pag 9
bicicletas IV ...	pag 11
bicicletas V	pag 13
bicicletas VI ...	pag 14
bicicletas VII .	pag 15
1 bicicleta I ..	pag 16
1 bicicleta II ..	pag 17
1 bicicleta III e IV ...	pag 19
epílogo didático ..	pag 20



Renato Suttana (n. 1966 - Brasil) é professor universitário e autor dos livros *Visita do fantasma na noite* (poesia, 2002), *O livro da noite* (prosa, 2005), *João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade* (Editora Scortecci, 2005), *Bichos* (poesia, 2005), *Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros* (Editora da UFGD, 2009) e *Fim do verão* (poesia, 2009).

página: <http://www.arquivors.com/>



M. Almeida e Sousa (n. 1947 - Portugal) Professor e formador na área do Teatro-Expressão Dramática - professor efectivo na Escola Secundária Passos Manuel (Lisboa), onde coordena o curso profissional de artes do espectáculo. actor, artista plástico e performer - colaborações dispersas em projectos de artes gráficas e na área da poesia visual.

página: <http://domadordesenhos.wordpress.com/>

Sempre achei que andar de bicicleta fosse um puro dom - bastante gratuito - da gravidade (que afinal tem lá os seus caprichos). Uma vez, escrevi sobre as galinhas que nós “admiramos o modo como se equilibram sobre duas patas” e nem nos lembramos de que a sua história é bem mais antiga do que imagina a nossa admiração. O mesmo se poderia dizer dos ciclistas: admiramos o modo como se equilibram sobre duas rodas, etc., mas sem a ênfase das penas e sabendo que a admiração por eles é algo mais recente.

Uma vez, dois poemas de minha autoria (um gato, uma águia) foram publicados na edição de número 8 da Bicicleta - revista comemorativa dos 25 anos da Mandrãgora -, com intermediação de Nicolau Saião, que os encaminhou aos editores Bruno Vilão e Manuel Almeida e Sousa. Pouco tempo depois, escrevi um poema intitulado “Bicicletas”, que dediquei a esses empreendedores da Bicicleta, e o mandei ao mesmo Saião, que se não me engano o fez publicar na Internet. Mais tarde, saindo o número 9 da revista (no qual puseram uma cidade e um gato meus), me aconteceu o impulso de escrever outro poema de bicicleta (escrever poemas de bicicletas é como pedalar), que enviei ao Manuel e que foi publicado em seu blogue. Depois veio um terceiro, que não mandei para ninguém, e um quarto, e a coisa teria parado aí, se os aros não continuassem a rodar.

Bicicleta é assim: vai e volta, leva e traz, quando vai, leva alguma coisa, quando volta, já vem trazendo novidade. A última novidade foi o presente livrinho. A ideia me surgiu por acaso: apanhei os poemas de bicicletas, acrescentei alguns, dei-os ao Manuel, pedindo-lhe que os ilustrasse, e o Manuel - ciclista experiente - não pensou duas vezes.

Pois aí está o efeito de tudo isso - galinhas, gravidade, acasos, troca de e-mails e firmeza no guidom. Que o leitor julgue por si mesmo e veja se vale a pena pedalar também.

RS



pedalando





a Bruno Vilão e Manuel Almeida e Sousa, da "Bicicleta"

BICICLETAS (I)

são aparelhos que usamos
para voar são cordas
são remédios que tomamos à noite
antes de adormecer
são frutas caçarolas sirenes
que colhemos à tarde gárgulas
ao pé das grandes árvores peçadas
são os cabelos de Maria os olhos de Maria
os dois seios de Maria e os seios das outras
são instrumentos com que medimos o tempo
com que medimos o espaço também
com que calculamos a quilometragem dos pássaros
são folhas brotando das formigas asas crocodilos
que ainda sonham dinossauros
o estrume dos elefantes a mosca e o cacto
os dentes postigos do avô
que não os tira para rezar

Bicicletas são os teus pensamentos
quando se encontram com os meus
nalguma esquina de julho.

BICICLETAS (II)

bicicletas
para medir estrelas
para medir o roxo
a rosa do deserto
a fome

teu coração atravessa o país
numa velocidade de luz
vem construir no meu quintal uma paz
que reúne outubro resgata
as estruturas de outubro numa pequena forma
que não é vidro nem carrossel
mas é prazer espuma salto
coisa que se leva para casa
sono que se leva para a noite
a noite





bicicletas
são as distâncias da tarde concentradas no gelo
os adivinhos as cenas
as aventuras do passado
os caminhos do passado concentrados
no dia as horas desse dia
o dia concentrado no olho
a tarde - o cume - a canção imortal
e as nossas vidas ali

(são as estradas do excesso no tempo
teu coração
que chega ao seu destino)

e sobretudo o retorno
do que sempre esteve à nossa espera
o beijo com que me recompensas
o ouro com que me recompensas
no deserto da tarde solar.



BICICLETAS (III)

Ainda cantam
as bicicletas?

Ainda se usam
as bicicletas
como aparelhos de produzir música
como ônibus como aviões
como torres?

Ainda existem bicicletas
em vossos cérebros
em vossas veias
em vossos pensamentos de cada dia
em vossa métrica
em vosso gozo?

Enquanto comeis o pão
enquanto bebeis o vinho
ainda pensais em bicicletas
ainda pedalais vossas bicicletas
quando vos dedicais ao amor?

Como se explica
que as bicicletas ainda habitem as vossas vozes
ainda saltem de vossos cabelos
e jorrem de vossos olhos
quando ides à farmácia
comprar o vosso suprimimento diário
de sobrevivência?





Vossas fórmulas matemáticas
vossas teorias
vossa física e vossa química
vossa botânica e vossa astrologia
vossa medicina, vosso asco e vossa anatomia
contemplam as bicicletas
explicam o existir
magrinho e breve
das bicicletas?
O seu cotidiano
levar-nos até lá?

Sois por acaso
bicicletas?



BICICLETAS (IV)

Bicicletas
não são casas
não são íntimas
não são de água

(Uma bicicleta de água
te faria chover
sobre a Tailândia)

Não são luas
não são axiomas
não são beijos
não são asas nem pássaros

(Uma bicicleta
que tivesse asas
te levaria
para o outro lado do mundo)

Não são vidros
não são de álcool
não são árvores
não são pedras

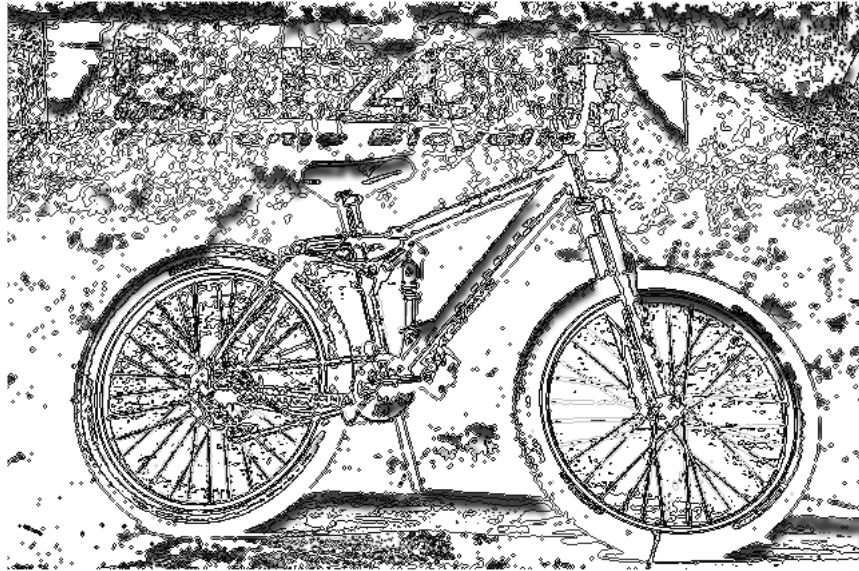
(Uma bicicleta de pedra
te manteria em silêncio
por pelo menos dez anos)





Não são curvas
não são estradas
não são aviões
não são portas

(Uma bicicleta
que se abrisse na tarde
te faria entrar
no verão)



BICICLETAS (V)

As bicicletas de janeiro
cruzam calmamente a fronteira
e vão chegando a fevereiro

Montadas pelos bons meninos
engolem tempos e distâncias
como o fazem os peregrinos

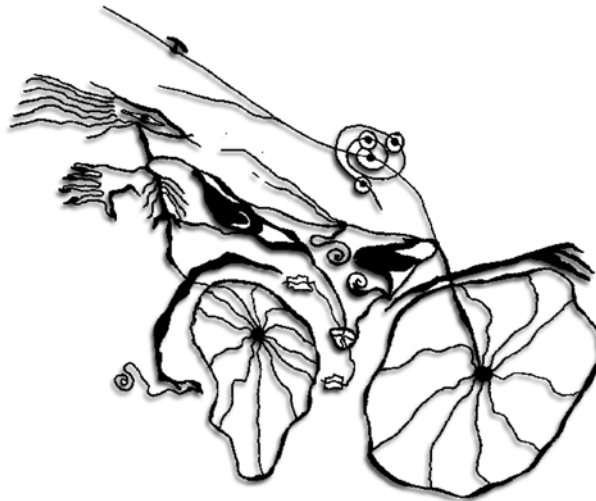
e vão chegando alegremente
e vão tocando com bravura
o ponto onde o dia se invente

As bicicletas de janeiro
vêm de longe vêm do provável
seguem um lúcido roteiro

Vão procurando algum lugar
que fica próximo do sono
perto do sol perto do mar

onde - flores - serão plantadas
por mãos gentis de camponesas
à margem das longas estradas

onde libertas de janeiro
e da ansiedade dos lugares
hão de florir o ano inteiro.

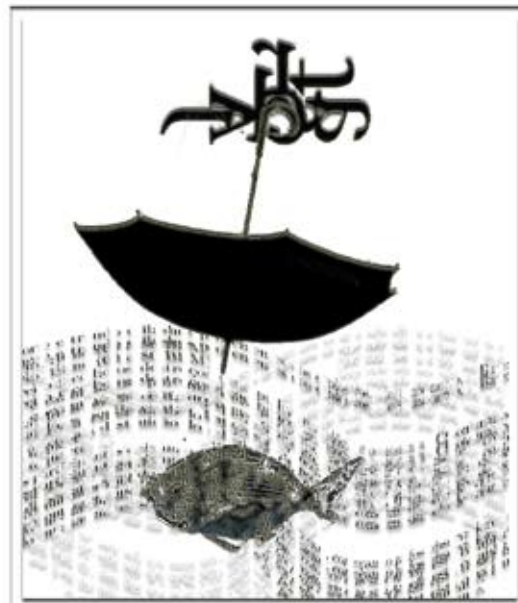




BICICLETAS (VI)

Tudo era excessivo
inclusive a batina dos padres

num mundo onde as bicicletas
podiam ser usadas como guarda-chuvas.





BICICLETAS (VII)

A liberdade guiando
as bicicletas

Trigal com corvos
e bicicletas

A ronda noturna
das bicicletas

Tudo isso eu vi
nos melhores museus
do país das bicicletas.



UMA BICICLETA (I)

uma bicicleta, amigo
com suas grandes rodas
com o seu grande rodar

não é coisa que não se queira
levar para casa
que não se queira
com a qual não se queira
ter pelo menos uma noite de amor
pelo menos um dia
de bom convívio e boa prosa

uma bicicleta
com as suas grandes rodas
redondas e magras
com o seu ar de despedida
com o seu lúcido rodar
com o seu arco-íris.



UMA BICICLETA (II)

I

Uma bicicleta
para o teu fastio
para a tua impaciência
para a tua pressa

Uma bicicleta
para o teu consolo
para te servir de consolo
para o teu sono

Uma bicicleta
para lebares à lua
para lebares ao campo
para lebares no bolso

Uma bicicleta
para a tua primavera
para o teu aniversário
para o teu casamento

Para te servir de padre
para ser o teu comandante
para ser o teu professor
para chamares de irmã

Para ser a tua pátria
para te servir de mapa
para te servir de abotoadura
para ser o teu ópio

a tua papoula
o teu esconderijo
o teu amigo
a tua sopa

Uma bicicleta
para te servir de casa
para te servir de muleta
para te servir de nuvem

Para ser a tua amante
para ser o teu cachecol
para ser o teu livro a tua glória
para te servir de prece

Uma bicicleta
na tarde
uma bicicleta
no céu.





II

Uma bicicleta na mão
e outra voando

uma bicicleta lavando a outra
uma bicicleta

com amor se paga.

III

Uma bicicleta
dominando o vale

neutra
mole
como um relógio mole.

IV

Uma bicicleta
no pensamento
como uma abelha

como um jardim
enfeitado de borboletas
à véspera de uma guerra

à véspera
de uma erupção

(antes da erupção
do Vesúvio)

antes de qualquer coisa

Uma bicicleta
branca
arco-íris de sonho

abrindo um parêntese
no ar.

V

Uma bicicleta
para chegar ao outro lado
para chegar ao Japão
para atravessar o Atlântico

Uma bicicleta
para pedalar
objetivamente
os quatro elementos.

UMA BICICLETA (III)

Uma bicicleta
é simétrica
em 2010

É simples
como uma curva
como uma criança
como um ovo

como um piano
ao sol
quando entra
o outono.



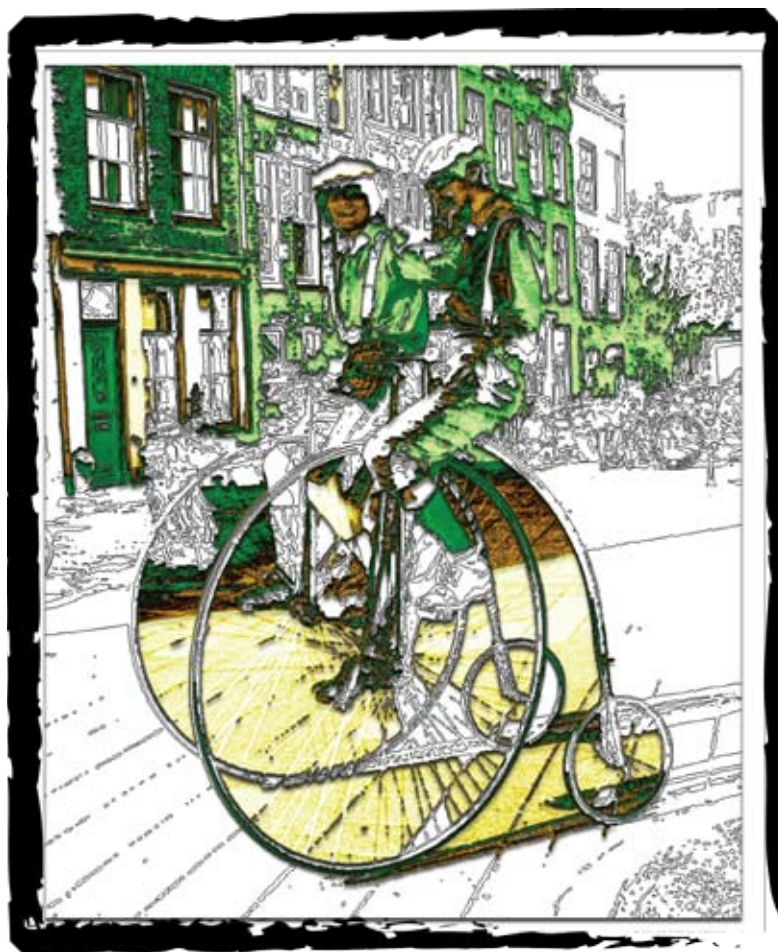
UMA BICICLETA (IV)

Uma bicicleta
é só um objeto

É só um homem
sobre duas rodas

É só um estar
a caminho.





ESPÍLOGO DIDÁTICO

Vem o crítico e diz:
A bicicleta para vocês
é um fetiche

Rio-me alegremente
e saio pedalando o meu fetiche.

BICYCLES

Bicicetas



Rento 2otto

Bicicetas